

# O Livro de Joel e a Igreja Adventista do Sétimo Dia laodicense - Número Treze

Jeff Pippenger

2025-12-18

## Número Treze

Estamos atualmente abordando o símbolo profético de 1863. Temos concentrado nossa atenção no Kadesh bíblico como o símbolo da rebelião do antigo Israel contra o “descanso” que trouxe a sua morte ao longo de um período que culminou em Kadesh, ilustrando assim a rejeição dos “velhos caminhos” de Jeremias em 1863, quando os “sete tempos” de Levítico vinte e seis foram rejeitados.

Ao buscar a luz associada a Kadesh e a 1863, temos identificado os dez testes que chegaram até Kadesh. Identificamos os três primeiros testes como o teste do maná. Esses três passos podem ser representados como milagres ou testes, e o descanso do sábado, sendo o primeiro dos dez testes, corresponde ao décimo teste, que é tão claramente identificado por Paulo em Hebreus como o “descanso”. Os dez testes possuem um descanso alfa e um descanso ômega.

Não importa como um estudante de profecia deseje definir "o descanso" que os hebreus rejeitaram em Kadesh — pois, profeticamente, todo "descanso" (linha sobre linha) refere-se ao "descanso e refrigério" que é a chuva serôdia. Kadesh é um símbolo principal da rejeição da mensagem da chuva serôdia e também da experiência da chuva serôdia, pois o selamento que é realizado sobre os cento e quarenta e quatro mil em Kadesh é um assentamento na verdade, tanto "intelectual quanto espiritual".

Logo que o povo de Deus for selado em suas frentes — não é qualquer selo ou marca que se possa ver, mas um estabelecimento na verdade, tanto intelectual como espiritualmente, de modo que não possam ser abalados —, logo que o povo de Deus estiver selado e preparado para a sacudidura, ela virá. Na verdade, já começou; os juízos de Deus estão agora sobre a terra, para nos advertir, para que saibamos o que está por vir. Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia, volume 4, 1161.

Firmar-se "na verdade" "intelectualmente" representa a aceitação da metodologia de linha sobre linha como a única e exclusiva abordagem santificada no estudo da Palavra de Deus. Essa abordagem estreita foi confirmada como a abordagem correta em agosto de 1840, quando "multidões foram convencidas da correção dos princípios de interpretação profética adotados por Miller e seus associados, e um maravilhoso impulso foi dado ao movimento do advento." O "maravilhoso impulso" representa a manifestação do poder do Espírito Santo que enviou a mensagem do primeiro anjo ao redor do mundo em 1840.

Aqueles que participaram da obra que representava o "maravilhoso ímpeto" foram capacitados a realizar essa própria obra pelo poder do Espírito Santo. O Espírito Santo apenas manifestou o Seu poder entre aqueles que haviam aceitado a metodologia sagrada. O Espírito Santo apenas

manifestou o Seu poder no interior daqueles que haviam aceitado a metodologia sagrada.

Estabelecer-se na verdade intelectualmente é a aceitação da metodologia de linha sobre linha, e a "aceitação" da metodologia de linha sobre linha é representada para um laodiceano como a abertura da porta do coração para a entrada do Mensageiro a Laodiceia na pessoa do Espírito Santo. A aceitação da metodologia sagrada traz o poder do Espírito Santo à mente daqueles que estão se estabelecendo na verdade intelectualmente. A aceitação dessa metodologia produz uma espiritualidade que é representada como a combinação da Divindade com a humanidade. A aplicação da metodologia bíblica de linha sobre linha, quando misturada com fé, é representada como estabelecer-se na verdade intelectualmente, e a verdade (mensagem) que é produzida pela metodologia não pode ser separada de Jesus, que é a Palavra. Aceitar a mensagem de Sua Palavra é aceitar o Espírito Santo em sua mente. Assim, estabelecer-se na verdade intelectualmente produz a experiência espiritual que recebe o selo de aprovação de Deus.

Kadesh foi a prova final para o antigo Israel. As duas classes de bebedores de vinho no livro de Joel são separadas e distinguidas uma da outra com base na rejeição ou aceitação da mensagem da chuva serôdia que Joel identifica como "vinho novo", em contraste com o vinho fermentado que está sendo consumido pela outra classe. O "vinho novo" de Joel é o "descanso" de Paulo, em Hebreus três e quatro. É também aquilo que os "ébrios de Efraim" de Isaías se recusam a "ouvir" — aos quais ele disse: 'Este é o descanso com o qual podeis fazer descansar o cansado; e este é o refrigério': contudo, não quiseram ouvir. Mas a palavra do Senhor foi para eles preceito sobre preceito, preceito sobre preceito; linha sobre linha, linha sobre linha; um pouco aqui e um pouco ali; para que fossem, e caíssem para trás, e fossem quebrantados, e enredados, e presos.

Identificamos que a rebelião do bezerro de ouro de Aarão representa 'dois' dos dez testes que se concluem em Kadesh. A divisão desse teste em dois testes está de acordo com o período de prova da chuva serôdia, que é representado pelo "teste da imagem da besta", o qual é o teste que determina o destino do povo de Deus. Apocalipse treze identifica 'rebelião', pois o número 'treze' representa rebelião.

O capítulo começa com a besta do mar papal, principal símbolo de rebelião na terra, pois Daniel a identifica como o poder que profere grandes palavras contra o Altíssimo. Essa rebelião é seguida pela rebelião da besta da terra, os Estados Unidos, que então forçam todo o mundo a seguir o seu exemplo de rebelião. O padrão para a terceira rebelião no capítulo encontra-se na primeira das três rebeliões, representada como a besta do mar, símbolo do Vaticano. No versículo onze, os Estados Unidos falam como um dragão e, assim, formam uma imagem da besta — imagem do Vaticano. Do versículo doze em diante, os Estados Unidos obrigam o mundo a fazer o mesmo. A rebelião de Aarão é dupla, representando a rebelião dos Estados Unidos e, depois, a rebelião de todo o mundo quando a imagem mundial do Vaticano é imposta.

A rebelião de Aarão identifica ambos os períodos: idolatria quando Moisés não estava presente, seguida de idolatria quando Moisés estava presente. Moisés estava recebendo a Lei e, portanto, representa a Lei de Deus como o ponto de mergulho na rebelião. A prova representada pela imagem de ouro de Aarão de um bezerro-besta é a prova de 1863.

É a prova da lei dominical, representando uma linha divisória entre a vida e a morte. É a linha divisória entre a Terra Prometida e a morte no deserto, a linha divisória entre a marca da besta e o selo de Deus, a linha divisória entre o destino de Sebna, o laodiceano, e o de Eliaquim, o filadelfiano. As três primeiras provas, representadas pelo maná, simbolizam a controvérsia entre o sábado e o domingo, assim como a décima prova. A linha divisória na rebelião do bezerro de ouro de Arão representa tanto a quinta quanto a sexta prova — e é a lei dominical.

O quarto teste é a água em Massah, que significa 'provação', e 'Meribah', que significa o "estandarte de Jeová"; está em Êxodo 17:1-7, onde é diretamente identificado como "testar o Senhor".

E toda a congregação dos filhos de Israel partiu do deserto de Sim, segundo as suas jornadas, conforme o mandamento do Senhor, e acampou em Refidim; e não havia água para o povo beber. Por isso o povo contendeu com Moisés e disse: Dá-nos água para que bebamos. Moisés lhes respondeu: Por que contendeis comigo? Por que tentais o Senhor? E ali o povo teve sede de água; e o povo murmurou contra Moisés, dizendo: Por que nos tiraste do Egito, para nos matares de sede, a nós, a nossos filhos e ao nosso gado?

E Moisés clamou ao Senhor, dizendo: Que farei a este povo? Eles estão quase prontos para me apedrejar.

E o Senhor disse a Moisés: Vai adiante do povo e leva contigo alguns dos anciãos de Israel; e o teu cajado, com o qual feriste o rio, toma-o na tua mão e vai. Eis que estarei diante de ti ali sobre a rocha em Horebe; tu ferirás a rocha, e dela sairá água, para que o povo beba. E Moisés assim fez à vista dos anciãos de Israel.

E chamou o nome do lugar Massá e Meribá, por causa da contenda dos filhos de Israel, e porque tentaram o Senhor, dizendo: Está o Senhor no meio de nós, ou não? Êxodo 17:1-7.

O teste representado por "Massah" e o estandarte representado por "Meribah" são um alfa profético que encontra o seu ômega profético quando Moisés fere a mesma Rocha pela segunda vez. Isso significa que a quarta das dez provocações é representada em Kadesh, pois o segundo Kadesh é onde Moisés fere a Rocha em rebelião. Isso indica que Kadesh, como símbolo, inclui o teste da água que produz um estandarte.

A prova da água que produz o estandarte é a prova da mensagem da chuva serôdia. 1863 foi quando o estandarte deveria ter sido erguido, mas, infelizmente, 1863 foi apenas o primeiro Cades, e o segundo Cades está na lei dominical que em breve virá. Massá e Meribá representam a prova final para os cento e quarenta e quatro mil, pouco antes de serem erguidos como estandarte na lei dominical. Não foi a autoridade de Roma, nem a autoridade dos judeus que orquestrou a morte de Cristo. Essa autoridade foi concedida no conselho do Céu, eras antes da cruz. Moisés usou sua vara, a vara ungida pelo próprio Deus, para ferir a Rocha — mas apenas uma vez. Essa Rocha, segundo a inspiração, é representada pelas mensagens de 1840 a 1844, que são as antigas verdades fundamentais que representam a vereda dos justos. Na prova representada por Massá, a água que salva é a água que sai da Rocha das veredas antigas. Essa água prova e produz duas classes: uma para a marca da besta e outra para o selo de Deus, este último sobre aqueles erguidos como

estandarte, conforme representado por Meribá.

O templo foi concluído antes do terceiro decreto de Artaxerxes, estabelecendo que o templo milerita que Cristo ergueu em 46 anos, de 1798 até 1844, foi concluído antes do terceiro anjo, representado pela chegada do terceiro decreto. Os cento e quarenta e quatro mil são selados pouco antes da Lei Dominical, quando então são erguidos como um estandarte, oferta das primícias de Pentecostes, como nos tempos antigos. Massá e Meribá identificam a prova da água representada pela mensagem do Clamor da Meia-Noite na história do primeiro e do terceiro anjo.

A obra de combinar a Divindade com a humanidade também é representada como a combinação de dois templos. Também é representada como casamento, em que um homem e uma mulher, ou um templo feminino e um templo masculino, são unidos e se tornam uma só carne. Cristo ergueu o templo milerita com o propósito de conduzi-los ao Seu templo celestial, onde encontrariam “descanso”, representado na história de 1844 pelo sábado do sétimo dia.

Quando esse entendimento de Massá e Meribá, como o quarto teste, é aplicado entre um teste inicial que também representa três testes e que, em seguida, é seguido pela lei dominical — o quinto e sexto testes —, então você pode ver, mas apenas se estiver disposto a ver, que o teste tríplice do maná é o primeiro teste, seguido por um teste que precede o terceiro teste duplo do bezerro de ouro de Arão. Massá e Meribá são representadas juntas, pois é somente na mensagem do segundo anjo que se encontra uma “duplicação” profética. Os três primeiros testes do maná são a mensagem do primeiro anjo. O teste de Massá e Meribá é a mensagem do segundo anjo, e a rebelião de Arão é a mensagem do terceiro anjo.

A quinta prova é a prova do bezerro de ouro de Arão, que começa com uma manifestação de idolatria, quando os rebeldes acharam que sua rebelião descarada estava escondida de Deus.

E, vendo o povo que Moisés tardava em descer do monte, o povo reuniu-se junto de Arão e disse-lhe: Levanta-te, faze-nos deuses que vão adiante de nós; porque, quanto a este Moisés, o homem que nos tirou da terra do Egito, não sabemos o que lhe aconteceu. Então Arão lhes disse: Tirai os brincos de ouro que estão nas orelhas de vossas mulheres, de vossos filhos e de vossas filhas, e trazei-os a mim. Então todo o povo tirou os brincos de ouro que tinham nas orelhas e os trouxe a Arão. Ele os recebeu das mãos deles e, trabalhando-os com um cinzel, fez um bezerro fundido; e eles disseram: Estes são os teus deuses, ó Israel, que te tiraram da terra do Egito. Vendo isso, Arão edificou um altar diante dele; e Arão proclamou, dizendo: Amanhã haverá festa ao Senhor.

Levantaram-se cedo no dia seguinte, e ofereceram holocaustos, e trouxeram ofertas pacíficas; e o povo sentou-se para comer e beber, e levantou-se para se divertir. Êxodo 32:1-6.

O sexto teste é a segunda parte da rebelião do bezerro de ouro, quando Moisés retorna de receber os Dez Mandamentos. Moisés pergunta: "Quem está do lado do Senhor?" A maioria permaneceu passiva ou alinhada com os idólatras, manifestando a mesma rebelião abertamente na presença do mediador.

O quinto e o sexto teste tipificam claramente e se alinham com a lei dominical. Elias no Monte Carmelo faz uma pergunta semelhante à que Moisés fez. Escolhei hoje a quem servireis aponta para o teste da lei dominical. O simbolismo do teste da imagem da besta aponta para a lei dominical. A divisão dos levitas na história de Arão e a divisão das doze tribos na história dos dois bezerros de ouro de Jeroboão identificam a divisão dos prudentes e dos néscios na lei dominical. Os laodicenses são as virgens néscias, como testemunhado pela Irmã White, e, portanto, a divisão das virgens na lei dominical é a divisão de laodicenses e filadelfienses. O quinto e o sexto teste, que constituem um único teste duplo, alinham-se com a lei dominical, o que significa que se alinham com 1863 e Cades.

Os capítulos trinta e dois e trinta e três de Êxodo se cumprem no mesmo dia, com apenas algumas horas de intervalo, e esse dia tipifica 1863 e Cades. No capítulo trinta e três, Moisés pede para ver a glória de Deus. Assim, vemos Moisés, na quinta e na sexta provocação, sendo transformado nos cento e quarenta e quatro mil. Esse mesmo Moisés está também em Cades, ferindo a Rocha pela segunda vez, representando assim uma classe que é esmagada pela Rocha sobre a qual se recusou a cair. Essa Rocha é uma mensagem, e, portanto, há dois símbolos de Moisés em Cades, um manifestando a glória de Deus e o outro rejeitando a Rocha.

Que os que atuam como atalaias de Deus sobre os muros de Sião sejam homens capazes de ver os perigos que se apresentam diante do povo - homens que saibam distinguir entre a verdade e o erro, a justiça e a injustiça.

“O aviso foi dado: Nada deve ser permitido introduzir-se que perturbe o fundamento da fé sobre o qual temos estado edificando desde que a mensagem veio em 1842, 1843 e 1844. Eu estive nesta mensagem e, desde então, tenho permanecido diante do mundo, fiel à luz que Deus nos deu. Não nos propomos tirar os pés da plataforma sobre a qual foram colocados, ao buscarmos, dia após dia, o Senhor com oração fervorosa, procurando luz. Acaso pensais que eu poderia renunciar à luz que Deus me deu? Ela deve ser como a Rocha dos Séculos. Tem-me guiado desde o tempo em que me foi dada.” Review and Herald, 14 de abril de 1903.

Um dos símbolos de “Moisés em Cades” é golpear a Rocha com uma vara, um símbolo de autoridade. Na primeira vez, era a autoridade de Deus, e na segunda vez, era a autoridade do homem. A classe representada por Moisés no segundo Cades é apresentada como os bêbados de Efraim, que usam sua autoridade teológica (vara) para atacar a mensagem da chuva serôdia, que é a mensagem das veredas antigas de 1840 a 1844.

“Todas as mensagens dadas de 1840 a 1844 devem agora ser apresentadas com vigor, pois há muitas pessoas que perderam o rumo. As mensagens devem ir a todas as igrejas.

“Cristo disse: ‘Bem-aventurados os vossos olhos, porque veem; e os vossos ouvidos, porque ouvem. Pois em verdade vos digo que muitos profetas e justos desejaram ver estas coisas que vedes e não as viram; e ouvir estas coisas que ouvís e não as ouviram’ [Mateus 13:16, 17]. Bem-aventurados os olhos que viram as coisas que foram vistas em 1843 e 1844.

“A mensagem foi dada. E não deve haver demora em repetir a mensagem, pois os sinais dos tempos estão se cumprindo; a obra final deve ser realizada. Uma grande obra será feita em

curto tempo. Em breve, por determinação de Deus, será dada uma mensagem que se avolumará em alto clamor. Então Daniel se levantará na sua sorte, para dar o seu testemunho.” Manuscript Releases, volume 21, 437.

A primeira prova do maná consiste em três provas. A última das dez provas é a prova do terceiro anjo. Tanto a primeira quanto a última representam o “descanso” como símbolo da prova. A primeira prova são três provas, representando o primeiro anjo, que é seguido pelo segundo anjo; mas a quarta prova, em que há selamento e elevação como estandarte, é representada por Massá e Meribá. O terceiro anjo, representado pela quinta e sexta provas, é a terceira prova, que se seguiu à segunda prova de Massá e Meribá e à primeira prova do maná.

A provocação em Taberá apresentada em Números 11:1-3 é a sétima prova. Os versículos que introduzem a prova ardente da fé, representada por "Taberá", que significa 'um lugar de incêndio', são precedidos por versículos que identificam o deslocamento do povo de Deus pelo deserto. A impaciência manifestada no capítulo dez contrasta com os cento e quarenta e quatro mil que seguem o Cordeiro para onde quer que Ele vá. Estes são os que têm a paciência dos santos, mas o Israel antigo estava manifestando impaciência no capítulo dez, o que conduz à sua prova ardente no capítulo onze.

E partiram do monte do Senhor, caminho de três dias; e a arca da aliança do Senhor ia adiante deles, caminho de três dias, para lhes buscar um lugar de descanso. E a nuvem do Senhor estava sobre eles de dia, quando saíam do arraial. E aconteceu que, quando a arca se punha em marcha, Moisés dizia: Levanta-te, Senhor, e sejam dispersos os teus inimigos; e fujam de diante de ti os que te odeiam. E, quando ela repousava, dizia: Volta, ó Senhor, para os muitos milhares de Israel. Números 10:33-36.

O versículo seguinte introduz a rebelião de Taberah.

E quando o povo se queixou, isso desagradou ao Senhor; o Senhor ouviu, e a sua ira se acendeu; e o fogo do Senhor ardeu no meio deles e consumiu os que estavam nas extremidades do arraial. Então o povo clamou a Moisés; e, quando Moisés orou ao Senhor, o fogo se apagou. E deu àquele lugar o nome de Taberá, porque o fogo do Senhor ardera no meio deles. Números 11:1-3.

A provocação que se seguiu à manifestação do fogo foi o anseio por carne e é a oitava prova. Isso está em Números 11:4-34. As murmurações em Taberá representam uma natureza superior corrompida, falta de paciência, e a rebelião do apetite pelas panelas de carne do Egito representa a natureza inferior. O fogo representa a purificação pelo fogo do Mensageiro da Aliança em Malaquias capítulo três, pois, profeticamente, Taberá significa um lugar de queima, e o lugar de queima na Palavra profética de Deus está em Malaquias três, onde o fogo produz uma classe impaciente destinada a ser purgada e uma classe paciente que é purificada como uma oferta alçada.

Aqueles representados por Moisés no duplo teste da natureza superior e inferior de Taberá são os cento e quarenta e quatro mil que se assentaram na verdade tanto intelectual quanto espiritualmente. O intelecto identifica a natureza superior e, espiritualmente, representa a combinação da Divindade com a humanidade. A Divindade só pode ser combinada com a

humanidade quando a natureza inferior está crucificada e morta. Estar assentado na verdade, intelectual e espiritualmente, representa a experiência de ser selado. Os fogos de Taberá representam a separação final entre o trigo e o joio na obra de Cristo ao erguer o templo dos cento e quarenta e quatro mil.

O nono teste é a rebelião de Miriã e Arão relatada em Números 12. A provocação não foi diferente da de Corá, Datã e Abirão, ou da de Minneapolis, em 1888. A questão não era simplesmente a rejeição da mensagem de Deus, mas a rejeição da escolha de Deus para a liderança.

A condenação dos líderes que rejeitam não apenas a mensagem, mas também o mensageiro, precede o décimo teste. A liderança se revela apóstata pouco antes da lei dominical, que é o décimo teste. A lei dominical se alinha com a cruz e, no caminho para a cruz, que é a lei dominical, a liderança escolheu Barrabás, um falso Cristo, pois “bar” significa “filho de” e “abba” significa “pai”. Aproximando-se da cruz (a lei dominical) ou de Kadesh, a liderança manifesta apostasia plena, escolhendo um Cristo falsificado e também declarando diretamente às autoridades civis que não têm outro rei senão César.

A sétima, a oitava e a nona prova identificam o processo de selamento, mas a ilustração é a das virgens insensatas. A décima daquelas provas foi a primeira rebelião de Cades, tipificando 1863. Desde 1846, os hebreus foram conduzidos ao Sinai para receber a Lei. As duas tábuas dos Dez Mandamentos são o símbolo da relação pactual de Deus com o antigo Israel literal, e as duas tábuas de Habacuque são o símbolo da relação pactual do Israel espiritual moderno. A segunda tábua foi apresentada em 1850 e, assim como o antigo Israel prometeu guardar a Lei, em 1856 foi trazida uma prova final, tipificada pelos espias que visitaram a Terra Prometida. A opinião majoritária a que se chegou ao longo dos sete anos de 1856 até 1863 foi que o deserto laodiceano era o lugar onde desejavam morrer.

O período de 1844 a 1863 é tipificado por um período que começou com o batismo no Mar Vermelho e terminou com outro batismo no rio Jordão, no mesmo local em que Jesus se tornaria o Cristo, quando mais tarde foi batizado por João. O batismo no Mar Vermelho identificou uma relação de aliança com o antigo Israel. Essa relação começou com um casamento que simultaneamente instaurou um processo de provas em dez etapas. Foram então conduzidos ao Sinai e prometeram guardar Sua lei, mas não o fizeram, e então falharam na décima e última prova na primeira rebelião de Cades. Depois de quarenta anos, e da segunda e maior rebelião em Cades, eles entraram na Terra Prometida ao serem batizados no rio Jordão.

Todos os marcos do batismo estão ligados à aliança. As histórias do ômega e do segundo Cades alinham-se com a história do primeiro, um Cades alfa. A rebelião ômega de Moisés foi muito maior do que a rebelião de uma nação inteira na rebelião alfa de Cades. O ômega é sempre maior. Ambas as rebeliões, juntas, representam a rebelião dos instruídos e dos iletrados de Isaías, que se recusam a entrar no descanso da mensagem da chuva serôdia.

Três batismos (Mar Vermelho, rio Jordão e rio Jordão), o primeiro de Moisés e o último de Cristo; assim, Moisés é o alfa e Cristo o ômega. A letra situada entre a primeira e a vigésima segunda letras do alfabeto hebraico, a décima terceira letra, quando acrescentada após a primeira letra, que

então é ligada à última e vigésima segunda letra, cria a palavra hebraica "verdade". O batismo do meio foi o do rio Jordão e Kadesh. O primeiro batismo no Mar Vermelho foi seguido pelo batismo no Jordão. Mas o primeiro batismo no Jordão foi adiado por quarenta anos até a segunda visita a Kadesh e o efetivo batismo no Jordão. O terceiro batismo, representando o tempo de visitação para os judeus, havia chegado quando Cristo começou sua obra de confirmar a aliança por uma semana, em cumprimento de Daniel nove, versículo vinte e sete, e era a hora do juízo para o antigo Israel.

O primeiro batismo no Mar Vermelho é a mensagem do primeiro anjo, e as duas visitas a Cades representam uma “duplicação”, pois na primeira visita a Cades e no rio Jordão é representada a rebelião do povo da aliança de Deus e, na segunda visita a Cades, manifesta-se a rebelião da liderança. Cades e as duas visitas representam uma duplicação da mensagem do segundo anjo, na qual duas classes são manifestadas, e ambas as classes são representadas tanto pelos cidadãos quanto pela liderança. O batismo de Cristo é a mensagem do terceiro anjo, quando o trigo e o joio são separados, assim como o Israel antigo foi separado da noiva cristã que Cristo desposou na hora do juízo de Israel antigo.

O período de 1844 a 1863 vai do Mar Vermelho até a primeira rebelião em Cades. 1844 é a travessia do Mar Vermelho, 1846 é o maná, símbolo da prova do Sábado, na qual os White foram aprovados em 1846, quando se casaram. Em 1849, o Senhor estendeu a sua mão uma segunda vez para ajuntar o Seu povo. Ele os havia ajuntado durante a primeira mensagem angélica, quando a primeira das tábuas de Habacuque entrou na história, e a segunda tábua foi destinada ao mesmo propósito.

O quadro ômega de 1850 era para reunir e testar, pois foi isso que o quadro alfa de 1843 fez. O primeiro anjo tinha um quadro, e o terceiro anjo também tinha um quadro, pois o primeiro é o alfa e o terceiro é o ômega. As "duas tabelas" são marcos do primeiro e do terceiro anjo - não do segundo. O período profético das "tabelas" começa com uma tabela com erro e termina com uma tabela sem erro. A história entre as duas tabelas é a história do segundo anjo, onde o quadro é deixado de lado até 1850.

Depois que o ano de 1843 terminou em 19 de abril de 1844, o quadro de 1843 foi deixado de lado, pois ele então havia predito erroneamente o ano de 1843. De 19 de abril de 1844 até 1850 não houve quadro de Habacuque. Na história do segundo anjo, não havia quadro e Babilônia caiu. O alfa é um quadro, o ômega é um quadro e o meio é a queda de Babilônia; um símbolo de rebelião que está associado ao período em que não havia quadro. O período histórico dos quadros de Habacuque traz a assinatura da verdade.

1850 foi tipificado pelo Sinai e pela entrega da Lei. Esse evento foi comemorado no Pentecostes, quando dois pães movidos foram erguidos. O processo de elevação dos pães movidos é representado pela impressão e divulgação da tabela em maio de 1842, e pela história de 1849, quando o segundo gráfico foi preparado, e de 1850, quando ficou disponível. O período é representado na linha de Cristo como os cinquenta dias desde Sua ressurreição até o Pentecostes, um período dividido em quarenta dias seguidos de dez.

Em 1849, Cristo estendia a mão pela segunda vez e, em 1850, a segunda tábua de Habacuque estava disponível e o processo de prova que conduzia a Cades avançou. Em 1856, chegou a última das dez provas do antigo Israel, quando nova luz sobre a revelação profética fundamental de Miller foi publicada no periódico do movimento. Por dois mil quinhentos e vinte dias proféticos, de 1856 a 1863, os espias entraram para reconhecer a terra. Em 1863, eles escolheram um novo líder para levá-los de volta ao Egito.

Continuaremos com estas verdades no próximo artigo.

"Em uma visão que me foi dada em Bordoville, Vermont, em 10 de dezembro de 1871, foi-me mostrado que a posição de meu marido tem sido muito difícil. Uma carga de cuidados e trabalho tem pesado sobre ele. Seus irmãos no ministério não tiveram esses fardos para suportar e não têm apreciado seus trabalhos. A constante pressão sobre ele o tem sobrecarregado mental e fisicamente. Foi-me mostrado que sua relação com o povo de Deus era semelhante, em alguns aspectos, à de Moisés com Israel. Houve murmuradores contra Moisés, quando em circunstâncias adversas, e tem havido murmuradores contra ele." Testemunhos, volume 3, 85.